



## Notícias



### INSTITUTO AYRTON SENNA RECEBE PESQUISADORES

28 de abril de 2015

Educadores podem ser capacitados para realizarem atividades educativas que proporcionem às crianças e jovens um aprendizado mais rápido e com maior qualidade, e diversos campos da ciência têm procurado desenvolver conhecimentos que possam ser aplicados para este fim. Nesta segunda-feira (27), cerca de 50 cientistas se reuniram no Instituto Ayrton Senna, em São Paulo, para compartilhar suas contribuições com resultados de pesquisas sobre como ocorre o processo de aprendizagem.

Os pesquisadores fazem parte da **Rede Nacional de Ciência para Educação**, que conta com apoio do Instituto, e reúne representantes de grupos de pesquisa de 12 universidades do país, entre neurocientistas, fonoaudiólogos e outras áreas. O objetivo da rede é integrar os esforços de pesquisadores e articular seus trabalhos com gestores públicos que possam utilizar as descobertas para aprimorar políticas educacionais.

“Temos uma proposta multidisciplinar porque já há grupos com trabalhos que dialogam com a realidade escolar, mas eles estão dispersos entre si e com poucos canais de conexão com as redes públicas de ensino”, afirmou o diretor do Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Roberto Lent, líder

da Rede CpE. “Buscamos reunir as contribuições atuais para criar tecnologias e processos que acelerem o ensino e aprendizagem”, disse.

Presente na reunião, a presidente do Instituto, Viviane Senna, destacou a importância da iniciativa. “Estamos muito animados com a possibilidade de iniciar um trabalho em uma rede que significa trazer conhecimentos com base em evidências sobre aquilo que funciona melhor em educação. Sabemos que é com essas parcerias que iremos trazer o ensino brasileiro para o século 21”, defendeu.

Um dos trabalhos apresentados, por exemplo, reforça indicativos da importância do sono para a consolidação do conhecimento aprendido. “Por algum tempo, o sono foi visto como uma espécie de ‘abrigo’ contra interferências, um momento para o cérebro fazer uma espécie de ‘limpeza’ no que não interessa, para aprender o que interessa. Mas agora sabemos que o sono também tem um papel ativo no processo de aprendizagem”, disse o neurocientista Fernando Louzada, responsável pela pesquisa.

“O educador tem que saber qual a contribuição do sono para cada fase do crescimento, mas as escolas ainda não estão levando em consideração essas informações, nem a necessidade de que até os seis anos é preciso haver condições para a sesta [“cochilo” depois do almoço]”, defendeu.

Outro trabalho apresentado mostrou que professores podem fazer muita diferença na trajetória de alunos com diversas formas de dificuldade de aprender a ler e escrever – como a dislexia, por exemplo – se compreenderem melhor o funcionamento do cérebro nesse processo.

“Nosso cérebro não é programado para ler naturalmente, precisa de estímulo pela instrução. Quando entendemos as melhores formas de realizar esse estímulo, e apoiamos professores para isso, é possível transpor dificuldades para atingir a velocidade de leitura esperada para cada idade”, afirmou o neurocientista Augusto Buchweitz. Segundo ele, já foi possível verificar resultados animadores neste sentido durante a pesquisa que está desenvolvendo em escolas de Porto Alegre, Florianópolis e Natal.

“Não se trata de fazer o excesso de diagnóstico, nem de defender que as redes de ensino façam procedimentos de ressonância nos estudantes. A intenção é compreender a base neurológica desses processos e identificar as formas ideais de capacitar professores para ajudar os alunos a progredir.”

A pesquisadora **Carla Tieppo**, que acompanhou as apresentações durante o encontro, destacou a importância de viabilizar a transferência dos conhecimentos da ciência para as políticas públicas. “Isso tanto para os novos professores, que estão passando pela universidade agora e logo chegarão à sala de aula, quanto para os professores que já estão há anos na carreira. É preciso pensar em todos eles como artífices dessa mudança”, disse.

“A ciência se acostumou a conversar com ela mesma, mas temos que começar a comunicar os achados da ciência de outra forma, para construir um conjunto comum de conhecimentos. Isso não significa se encontrar no meio do caminho entre a ciência e a educação, mas construir um terceiro espaço, onde ambos contribuam, e a rede é um ótimo lugar para essa construção.”

Para estimular a produção de novas pesquisas baseadas nas necessidades dos educadores e divulgar o conhecimento produzido para gestores, a Rede CpE irá manter um calendário de encontros presenciais e virtuais ao longo do ano, incluindo

em julho um simpósio como evento satélite do congresso da Ibro (organização internacional de neurociência, que pela primeira vez realiza seu principal encontro no Brasil).

“Embora já aconteça em campos como saúde e infraestrutura, o trabalho em rede ainda não é muito comum na educação, apesar do seu potencial. As mudanças estruturais são necessárias, mas não suficientes para colocar o Brasil no topo da educação mundial”, defendeu o diretor de Inovação e Articulação do Instituto Ayrton Senna, Mozart Neves Ramos. “Essa iniciativa da rede vai inspirar o país, esse é o caminho para fazer mudanças exponenciais na educação.”

<http://www.institutoayrtonsenna.org.br/todas-as-noticias/instituto-recebe-pesquisadores/>